

# Revista **1ª EVOLUÇÃO**

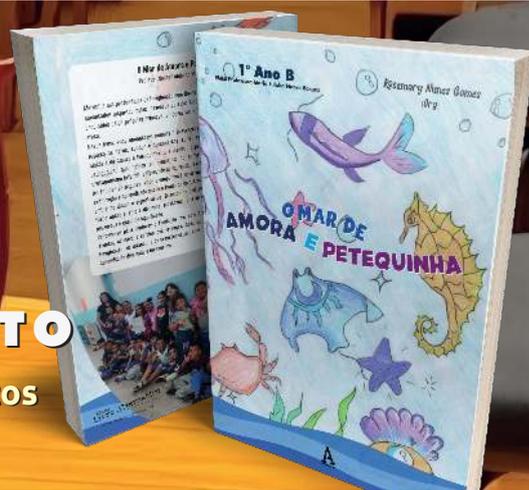


**Yara Amanda de Jesus Abreu**

**RESPIRANDO MÚSICA:**  
Cantos e encantos dessa Arte na escola



**LANÇAMENTO**  
Pedagogia de Projetos



Filada à:  
**ABEC BRASIL**  
Associação Brasileira de Estudos Científicos



ISSN 2675-2573



Platform & workflow by OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

Coordenaram esta edição: Manuel Francisco Neto / Vilma Maria da Silva

Organização: Vilma Maria da Silva

<https://primeiraevolucao.com.br>



<https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.56>

**Editor Responsável:** Antônio Raimundo Pereira Medrado  
**Editor correspondente (ANGOLA):** Manuel Francisco Neto

**Coordenação editorial:**

Ana Paula de Lima  
Andreia Fernandes de Souza  
Antônio Raimundo Pereira Medrado  
Isac Chateaneuf  
José Wilton dos Santos  
Manuel Francisco Neto  
Vilma Maria da Silva

**Com. de Avaliação e Leitura:**

Prof. Dr. Adéilson Batista Lins  
Prof. Me. Alexandre Passos Bitencourt  
Profa. Esp. Ana Paula de Lima  
Profa. Dra. Andreia Fernandes de Souza  
Profa. Dra. Denise Mak  
Prof. Dr. Isac Chateaneuf  
Prof. Dr. Manuel Francisco Neto  
Profa. Ma. Maria Mbuanda Caneca Gunza Francisco  
Profa. Esp. Mirella Clerici Loayza  
Profa. Dra. Thaís Thomaz Bovo

**Bibliotecária:**

Patrícia Martins da Silva Rede

**Colunistas:**

Prof. Dr. Adéilson Batista Lins  
Prof. Dr. Isac Chateaneuf  
Profa. Cleia teixeira  
Prof. José Wilton dos Santos

**Edição, Web-edição e projetos:**

Antonio Raimundo Pereira Medrado  
Lee Anthony Medrado  
Vilma Maria da Silva

**Contatos**

Tel. 55(11) 99543-5703  
Whatsapp: 55(11) 99543-5703  
primeiraevolucao@gmail.com (S. Paulo)  
netomanuefrancisco@gmail.com (Luanda)  
<https://primeiraevolucao.com.br>

**Imagens, fotos, vetores etc:**

<https://publicdomainvectors.org/>  
<https://pixabay.com>  
<https://www.pngwing.com>  
<https://br.freepik.com>

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

Revista Primeira Evolução [recurso eletrônico] / [Editor] Antonio Raimundo Pereira Medrado. – ano 5, n. 56 (dez. 2024). – São Paulo : Edições Livro Alternativo, 2024. 72 p. : il. color

**Bibliografia**

Publicação contínua desde 2020.

Bimestral

e-ISSN 2675-2573

Disponível apenas online.

Modo de acesso: <https://primeiraevolucao.com.br>

DOI 10.52078/issn2673-2573.rpe.56

1. Educação – Periódicos. 2. Pedagogia – Periódicos. I. Medrado, Antonio Raimundo Pereira, editor. II. Título.

CDD 22. ed. 370.5

Patrícia Martins da Silva Rede – Bibliotecária – CRB-8/5877

Colaboradores voluntários em:



São Paulo | 2024

Publicada no Brasil por:

Edições  
**Livro Alternativo**  
CNPJ: 28.657.494/0001-09

## 05 EDITORIAL

Antônio R. P. Medrado

## 7 DESTAQUE

# YARA AMANDA DE JESUS ABREU

RESPIRANDO MÚSICA: Cantos e encantos dessa Arte na escola

## 06 Catalog'Art; Naveg'Ações de Estudantes

Isac Chateaneuf

## 17 Ciência, Tecnologia & Sociedade

Adeilson Batista Lins

## 19 POIESIS

J. Wilton



SUMÁRIO

# ARTIGOS

1. AS RELAÇÕES ÉTNICOS RACIAIS E O DEBATE SOBRE A CULTURA AFRO BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO  
DAMARES FLORIANO NUNES GONÇALVES 21
2. O USO DA ESCRITA EM BRAILLE  
EDNEIA MACHADO DE ALCÂNTARA 29
3. AS PROPOSTAS DE EDUCAÇÃO MUSICAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL  
FABIANA MARIA ALVES SOLLA DI LESSOLO 37
4. SENTINDO A ANIMAÇÃO: STOP MOTION PARA ESTUDANTES COM DEFICIÊNCIA VISUAL  
MARIANA MOI BONFIM JONGBLOETS 45
5. AS INTERVENÇÕES DO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
MARILENA WACKLER 49
6. O FEMINISMO NEGRO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS OBRAS DA BELL HOOKS  
VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA 57
7. O DESENHO E AS INTERVENÇÕES DA PSICOPEDAGOGIA  
WIVIAN LINARES DE SOUZA 65

**ESTA REVISTA É MANTIDA E FINANCIADA POR PROFESSORAS E PROFESSORES.  
SUA DISTRIBUIÇÃO É, E SEMPRE SERÁ, LIVRE E GRATUITA.**

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é um projeto editorial idealizado pela **Edições Livro Alternativo** com o objetivo de **empoderar e inspirar educadores** na jornada de compartilhar suas pesquisas, estudos, experiências e relatos de vivências.

**UM CORPO EDITORIAL DE EXCELÊNCIA:**

Nossa equipe conta com especialistas, mestres e doutores(as), todos com vasta experiência na rede pública de ensino, além de profissionais experientes nas áreas do livro e da tecnologia da informação. Essa expertise garante a qualidade e o rigor científico das publicações da revista.

**INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA:**

Um dos nossos diferenciais é a total independência, viabilizada pelo **financiamento colaborativo de professores e professoras**. Essa autonomia nos permite defender a liberdade de expressão e a diversidade de ideias, priorizando a qualidade dos conteúdos e o impacto positivo na educação.

**PROPÓSITOS QUE IMPULSIONAM A TRANSFORMAÇÃO:**

- **Promover o debate** crítico e reflexivo sobre os diversos aspectos da educação, com base nas vivências, pesquisas, estudos e experiências dos profissionais da área;
- **Proporcionar a publicação** de livros, artigos e ensaios que contribuam para o aprimoramento da educação e o desenvolvimento profissional dos educadores;
- **Apoiar a publicação** de obras de autores independentes, democratizando o acesso à informação e promovendo a diversidade de vozes;
- **Incentivar o uso de softwares livres** na produção de materiais didáticos e na difusão do conhecimento, promovendo a inclusão digital e a redução de custos;
- **Fomentar a produção de livros** por professores e autores independentes, reconhecendo e valorizando a experiência e o saber dos profissionais da educação;

**PRINCÍPIOS QUE GUIAM A NOSSA ATUAÇÃO:**

- **Priorizar trabalhos voltados para a educação**, cultura e produções independentes, contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática;
- **Utilizar exclusivamente softwares livres** na produção de livros, revistas e materiais de divulgação, promovendo a transparência, a colaboração e a acessibilidade;
- **Incentivar a produção de obras coletivas** por profissionais da educação, fomentando a colaboração e o compartilhamento de conhecimentos;
- **Publicar e divulgar livros de professores** e autores independentes, valorizando a diversidade de vozes e perspectivas na educação;
- **Respeitar a liberdade e autonomia** dos autores, garantindo a originalidade e a autenticidade das obras publicadas;
- **Combater o despotismo, o preconceito e a superstição**, defendendo os valores da democracia, da tolerância e do respeito à diversidade;
- **Promover a diversidade e a inclusão**, valorizando as diferentes culturas, identidades e experiências presentes na comunidade educacional.

A **REVISTA PRIMEIRA EVOLUÇÃO** é mais do que uma revista, é um movimento pela transformação da educação, um espaço para a colaboração, o aprendizado e a inovação.

**Junte-se a nós e faça parte da construção de um futuro mais promissor para a educação!**

Filiada à: \_\_\_\_\_



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & controlled by OJS / PKP

## O FEMINISMO NEGRO: UMA DISCUSSÃO A PARTIR DAS OBRAS DA BELL HOOKS

VANDERSON CRISTIANO DE SOUSA<sup>1</sup>

### RESUMO

Ao abordarmos questões como o racismo e o feminismo em salas de aulas das escolas públicas, acreditamos ser importante trazer o histórico e a necessidade da intersecção desses temas, e, como consequência, a intersecção das lutas. O presente artigo pretende abordar as questões do feminismo negro para que essa teoria possa ser levada para as práticas escolares. Três obras da autora bell hooks são brevemente discutidas: Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo, de 1981; Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade, de 2017; e O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras, de 2018. Apresentando um feminismo revolucionário – atrelado à luta de classes, hooks apresenta os reais propósitos do movimento feminista: acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, por isso a necessidade da intersecção da luta feminista com as lutas antirracista, contra o elitismo e o sistema patriarcal capitalista.

**Palavras-chave:** Feminismo. Racismo. Machismo. Opressão. Educação.

### INTRODUÇÃO

Em um texto escrito em 1988, "Por um feminismo afro-latino-americano", Gonzalez (2011) questionava que havia um esquecimento da temática racial nas leituras dos textos e da prática feminista. Esta autora resgata que a participação das mulheres em movimentos políticos-culturais de resistência contra a exploração de classe e discriminação racial, também as levam a ter consciência da discriminação sexual (GONZALEZ, 2011). A autora aponta sobre as práticas sexistas advindas dos próprios companheiros dos movimentos sociais de luta, que ao reproduzirem as práticas sexistas do patriarcado dominante, excluem as mulheres dos espaços de decisão do movimento.

Segundo Bairros (1995) há duas teorias feministas que procuram superar as limitações

dos conceitos fundamentais. A primeira, de forma bem sucinta seria o feminismo socialista, tendo como base o referencial teórico marxista: o patriarcado é definido a partir de uma estrutura com base material. A segunda teoria, que é a premissa da autora e do presente trabalho é a teoria do ponto de vista feminista:

Segundo essa teoria a experiência da opressão sexista é dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça, gênero e classe social interceptam se em diferentes pontos. Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista (BAIROS, 1995, p. 461)

<sup>1</sup> Mestre em Ciências/Ecologia. Graduado em Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Pedagogia. Coordenador Pedagógico, SME, PMSP.

Raça, gênero, classe social e orientação sexual reconfiguram-se mutuamente; e não existe uma identidade única, pois a experiência de ser mulher se dá de forma social e historicamente determinada (BAIRROS, 1995). Além de ajudar a compreender os diferentes feminismos, essa formulação permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil.

O feminismo negro é uma das principais expressões da teoria do ponto de vista feminista (BAIRROS, 1995). hooks (2015) afirma que os fatores como classe, raça, religião e orientação sexual criam uma diversidade de experiências que determinam até que ponto o sexismo será uma força opressiva na vida de cada mulher. A autora conclama uma luta feminista em que as mulheres negras reconheçam o ponto de vista especial que a marginalidade oferece para elas, para que possam criticar a hegemonia racista, classista e sexista dominante, criando-se uma contra-hegemonia. Para bell hooks as mulheres não compartilham a mesma opressão, mas precisam se unir em uma luta em comum para acabar com o sexismo - relações baseadas em diferenças de gênero-, o racismo e as opressões classistas (hooks, 1981; 2017; 2018).

No início de sua obra *Ensinando a Transgredir*, hooks (2017, p.10) apresenta as possibilidades limitadas para as jovens negras na sociedade norte-americana quando criança na década de 50: casamento, empregada doméstica, professora escola (ensino básico). O quanto o cenário mudou por lá? E por aqui?

A partir de três obras da bell hooks, pretendemos analisar a discussão sobre as questões do feminismo negro e como essa teoria pode ser levada para as práticas escolares das nossas escolas públicas brasileiras. As três obras da análise são: *Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*. (1981); *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (2017); *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras* (2018). Cabe lembrar que bell hooks é o pseudônimo da Gloria Atwikins, e que se escreve com letras iniciais

maiúsculas por questões de alteridade e políticas da autora.

## DESENVOLVIMENTO

Bell hooks teve a sua primeira fase de escolarização em escolas negras, onde aprendeu desde cedo sobre a importância dos estudos e do uso da intelectualidade como ato contra-hegemônico e resistência contra o colonialismo racista (hooks, 2017:10). Suas professoras dessa sua primeira jornada escolar – na escola antes da integração com os brancos - tinham ações pedagógicas que iam de encontro com as sugestões freirianas (Freire, 2011) e que hooks também sugere para a educação: conhecer os alunos e as suas realidades; a contextualização do ensino para que a experiência seja significativa; além de levar as narrativas das próprias experiências para os alunos (hooks, 2017:33, 35). Porém, não eram essas as práticas nas escolas tradicionais que ela passou a frequentar – na escola com os brancos. Dialogando com Paulo Freire, hooks aponta o que aconteceu no seu processo de escolarização após a integração racial, que, em geral, é a práxis da Educação atual: uma educação bancária, pouco crítica e a serviço da dominação – racista, colonizadora.

Para construir um terreno de luta entre os educandos, hooks (2017, p.16-19, 26) reforça a ideia de uma educação que seja libertadora, com salas de aulas movidas pelo entusiasmo e as interações terem que acompanhar as necessidades dos alunos, onde cada um tem que participar e ser valorizado – uma comunidade aberta de aprendizado. Se faz necessário a construção de uma comunidade pedagógica, onde os alunos não sejam consumidores passivos, e para isso é preciso desafiar e mudar o modo como todos, em especial os alunos, pensam sobre os processos pedagógicos, ou seja, antes de envolvê-los nas discussões, temos de ensinar-lhes o processo (hooks, 2017, p.192-193). Por exemplo, ao abordarmos o feminismo em sala de aula, na obra *O feminismo é para todo mundo*, hooks

(2018, p.49) alerta: “Críticas a imagens sexistas sem oferecer alternativas é uma intervenção incompleta. A crítica em si não leva à mudança”. As jovens não vão simplesmente adquirir conhecimento sobre o feminismo ao longo da vida adulta, por isso a necessidade de orientação (hooks, 2018, p.31). É preciso apresentar a teoria, discutir, traçar críticas e soluções de enfrentamento ao sistema opressor que se faz presente, inclusive, no currículo. Gomes (2012) e hooks (2017, p.51; 2018) concordam sobre a necessidade de uma educação que: vise quebrar a “noção de uma única norma de pensamento e experiência”, que seja multicultural, com referências múltiplas, ou seja, que descolonize os currículos. Para hooks (2018, p.37): “A educação pública para crianças precisa ser um local onde ativistas feministas continuem fazendo o trabalho de criar currículos sem preconceitos”.

Porém, estamos longe do ideal: “não criamos escolas fundamentadas em princípios feministas para meninas e meninos, para mulheres e homens” (hooks, 2018, p.37). As teorias e obras que trazem a visão libertadora de transformação feminista ficam restrita às academias e não chegam às massas populares. A mídia patriarcal apresenta uma imagem negativa do feminismo e a visão senso comum do feminismo reformista – utilizado apenas para a mobilidade de classe: igualdades salariais, por exemplo (hooks, 2018, p. 20). Outra visão errada que muitas pessoas têm é que o feminismo é antirreligião (hooks, 2018, p.114). A religião patriarcal fundamentalista consegue fazer o uso das mídias de massas para perpetuar suas mensagens sexistas, além de ser uma barreira para que práticas feministas se espalhem: “Não é possível haver uma verdadeira transformação feminista em nossa cultura sem a transformação das crenças religiosas” (hooks, 2018, p.113-114). A mídia de massa também intensificou o sentimento antifeminista entre os homens ao apelar para a homofobia (hooks, 2018, p. 80). Mas um destaque: apesar de haver preconceito em relação à homossexualidade, o sexismo se sobrepõe novamente: em um determinado contexto apresentado pela autora, a

homossexualidade entre homens era mais aceitável que a lesbianidade (hooks, 2018, p. 103).

Um dos pontos centrais das argumentações de hooks é a fundamentação das nossas práticas atreladas às sólidas teorias. A discussão de partes ou de toda a obra O feminismo é para todo mundo (hooks, 2018) na educação básica das escolas públicas pode ajudar nas problematizações discutidas aqui. Essa obra permite discutir sobre a visão que muitos da sociedade têm sobre o feminismo: um movimento anti-homem e ainda no campo do medo e da fantasia. No decorrer das três obras analisadas aqui, hooks (1981; 2017; 2018) nos convida a refletir sobre os reais propósitos do movimento feminista: acabar com o sexismo, a exploração sexista e a opressão, por isso a necessidade da intersecção da luta feminista com a antirracista, contra o elitismo e o imperialismo (sistema patriarcal capitalista). Ou seja, a autora ao dialogar com um público mais massivo apresenta um feminismo revolucionário - atrelado à luta de classes - enfatizando o sistema capitalista patriarcal como sistema de dominação (hooks, 2018, p.23). O homem também é convidado a fazer parte do movimento feminista, e ao fazer também se liberta das amarras do sistema patriarcal.

Se para a autora “A educação está numa crise grave. Em geral, os alunos não querem aprender e os professores não querem ensinar” (hooks, 2017, p. 23), um paralelo pode ser traçado com os choques dos discursos em nossas sociedades em relação aos movimentos sociais, em especial a luta antirracista: percebemos que muitas pessoas não querem aprender a ser antirracistas e que parte da sociedade aceita esses discursos preconceituosos. Conforme hooks (2017, p. 42-43):

As figuras públicas que mais nos falam sobre a volta dos valores antigos incorporam os males que [Martin Luther] King descreve. São as pessoas mais comprometidas com a manutenção de sistemas de dominação – o racismo, o sexismo, a exploração de classe e o imperialismo. (...) Nos ensinam a crer que a dominação é

'natural', que os fortes têm o direito de governar os fracos e impotentes. O que me espanta é eu, embora tanta gente afirme rejeitar esses valores, nossa rejeição coletiva está longe de ser completa, visto que eles ainda prevalecem em nossa vida cotidiana.

Por isso a necessidade do tipo de educação proposto por hooks, que, em consonância com Freire, pode ajudar a transformar a sociedade: "Educação não transforma o mundo. Educação muda pessoas. Pessoas transformam o mundo" (Paulo Freire). A intersecção das lutas feministas, antirracista e de classe, que são indissociáveis, são reconhecidas na pedagogia radical (hooks, 2017, p.20)

Dos chãos da escola aos dos movimentos feministas, temos um outro paralelo importante. hooks (2017, p.56) aponta que a pedagogia transformadora ocorre quando a sala de aula apresenta um contexto democrático quando todos sintam a responsabilidade de contribuir, todos têm que falar, serem ouvidos; essa premissa esta implícita, ou deveria estar, nos movimentos feministas. Porém, não é isso que aconteceu no surgimento do movimento feminista no Século XIX e que também perdurou até os anos 60, 70, e que detalharemos mais adiante (hooks, 1981): as mulheres negras não foram ouvidas.

É difícil quebrar o paradigma do modus operandis das aulas tradicionais. hooks (2017, p.60) relata que era questionada pelos alunos quando falava sobre feminismo em suas aulas de literatura. Mas é preciso persistir. Para ajudar a transformar a sociedade, para enaltecer a importância dos movimentos de luta – antirracista, feministas, anticlassistas, contra LGBTfobias – é muito importante que os professores promovam discussões com os seus alunos. Em suas obras, hooks (2017; 2018) defende que o feminismo tem que ser para as massas, e ao abordar a importância da teoria como prática libertadora, aponta: "(...) nenhuma teoria que não possa ser comunicada numa conversa cotidiana pode ser usada para educar o público" (hooks, 2017, p.90).

A proposta de levar à sala de aula um conhecimento que vem da experiência, e que

todas as vozes dos alunos sejam ouvidas, melhora a experiência de aprendizado, conforme hooks (2017, p.114). E, nesse caso, ajuda a fortalecer um entendimento do porquê devemos combater as múltiplas opressões existentes. Ao falar sobre a construção de uma comunidade pedagógica, hooks (2017:198) nos lembra que uma pedagogia libertadora não se dá simplesmente pela introdução de um assunto radical e mudança do currículo; e que práticas como a inclusão de relatos da experiência pessoal podem ser mais construtivas e desafiadoras.

hooks (2017:166) aponta que muitas mulheres negras nos EUA refutavam o movimento feminista por acharem que já havia a liberdade pelo fato de trabalharem fora, porém na obra *Eu não sou uma mulher?*, hooks (1981) destrincha com maior profundidade os fatores da recusa de parte das mulheres negras em aderir ao movimento feminista. O sentimento anti-negro/racismo e o classicismo sempre foram presentes no movimento feminista desde o seu início - causando um sentimento de suspeita na grande maioria das mulheres negras (hooks, 1981, p. 94,106). Foram esses elementos, e os fins oportunistas das mulheres brancas, que levaram as mulheres negras a rejeitarem o movimento de mulheres, e não a ideologia feminista (hooks, 1981, p.107, 116). hooks desincentiva a separação entre as feministas, pois para ela: "(...) todas as mulheres deviam experimentar afirmação e apoio em grupos racialmente misturados. O racismo é a barreira que impede a comunicação positiva e não é eliminado ou desafiado através da separação" (hooks, 1981, p.109).

Nos EUA as instituições de educação acadêmica não promoveram uma discussão mais profunda sobre o racismo como uma ideologia política (hooks, 1981:87). No Brasil também pouco falamos sobre o racismo estrutural e até pouco tempo atrás o mito da democracia racial era vigente, uma forma de imobilizar as lutas dos movimentos antirracistas. Há contradições existentes apontadas por hooks (1981) nas ações

das professoras do primário nos EUA que ensinam as crianças a abraçarem um país que as dividem e a oprimem. Quando abordamos a necessidade do rompimento das múltiplas opressões, não podemos esquecer de como os valores das classes dominantes são impostos nas escolas por meio de estratégias pedagógicas tendenciosas (hooks, 2017, p.238). O compromisso com a política engajada não abre espaço para o politicamente neutro (hooks, 2017, p.267), e acreditamos essa premissa seja transdisciplinar.

O papel da educação libertadora proposta por hooks (2017) permite que os estudantes reconheçam os seus dominadores e que possam ver a necessidade da intersecção das lutas. Aqui relacionamos com a sua obra anterior, *Eu não sou uma mulher?*:

Como povo negro, a nossa luta contra o imperialismo racial devia ter-nos ensinado que sempre que exista uma relação de dono / escravo, uma relação entre opressor / oprimido, a violência, o motim e o ódio permearão todos os elementos da vida. Não poderá haver liberdade dos homens negros enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres negras. Não pode haver liberdade para os homens patriarcas de todas as raças enquanto eles defenderem a subjugação das mulheres. O poder absoluto dos patriarcas não é libertador. (...) A liberdade (...) como igualdade social positiva que garante a todos os humanos a oportunidade de modelar o seu destino na riqueza e produtividade comum, só pode ser uma realidade completa quando o nosso mundo não for mais racista e sexista. (hooks, 1981:85)

hooks (2018, p. 30) alerta que a sororidade feminista – irmandade e apoio mútuo entre as mulheres – só será completo quando o poder de classe e de raça deixarem de serem usados para a dominação de outras mulheres. Por isso é importante entender as diferenças entre o feminismo reformista e o revolucionário:

Surgiram conflitos entre a visão reformista de libertação das mulheres, que basicamente exigia direitos iguais para mulheres dentro da estrutura de classes existente, e modelos mais radicais e/ou revolucionários, que clamavam por uma mudança

fundamental na estrutura existente, para que modelos de reciprocidade e igualdade pudessem substituir antigos paradigmas (hooks, 2018, p.51)

Ao levarmos debates sobre a necessidade da intersecção das lutas, é importante nos debruçarmos sobre a história, aprender sobre o que já superamos, e os limites a serem superados. Partindo dessas premissas, vamos no focar agora em sua primeira obra, *Eu não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo*, de 1981. hooks (1981) nos traça uma análise do panorâmica histórico do movimento negro nos EUA. Desde o surgimento do movimento feminista, as mulheres negras perceberam que as mulheres brancas não lhes deram espaço e voz, e que argumentação sobre a realidade brutal do racismo se sobrepôs às questões da opressão sexista (hooks, 1981, p. 05, 12, 99). No início, Sec. XIX, as mulheres negras viam o racismo como um problema maior que o sexismo - ainda que os líderes dos movimentos negros não dessem posições de destaques para ela (hooks, 1981, p. 07, 64-66). Nos meados do Sec. XX, dentro dos movimentos por direitos sociais, elas perceberam que o sexismo as tiravam do protagonismo da luta, inclusive dentro dos próprios movimentos negros: grandes líderes negros apoiavam o patriarcado (hooks, 1981, p. 07,69). Segundo a autora: "O mais forte vínculo entre militantes negros e homens brancos foi o seu sexismo partilhado – ambos acreditavam na inferioridade inerente das mulheres e apoiavam o domínio masculino" (hooks, 1981, p. 72).

O resgate histórico que a autora traz à tona mostra que as mulheres negras escravizadas sofriam duplamente: racismo e sexismo, mas que este último se assomava muito mais (hooks, 1981, p.14). Além de trabalhar no campo, como os homens negros, eram exploradas no ambiente doméstico, criavam animais e eram abusadas sexualmente (hooks, 1981, p.21).

A autora também aponta que os homens negros escravizados imitavam o comportamento do homem branco, e que não eram protetores das mulheres, como sugeriam outros autores.

(hooks, 1981, p. 27). O corpo da mulher negra era utilizado para a procriação, interesses econômicos, era um objeto sexual, era desnudo e chicoteado, sofria retaliações e mutilações causadas pelos interesses das mulheres brancas.

As mulheres negras estavam no patamar mais baixo de todas as opressões. Na luta pelo sufrágio universal, as mulheres brancas demonstraram o seu racismo ao se indignarem porque até os homens negros poderiam ter (certos) direitos políticos e elas não. Esse racismo se perpetuou na negação das necessidades de classe e de raça das mulheres trabalhadoras e negras, e das trabalhadoras negras (hooks, 1981, p. 92, 103). Em relação aos homens negros, a autora contesta as explicações sobre a desmasculinização dos homens negros e sobre as supostas famílias matriarcais, como fatores que poriam a mulher negra em uma suposta posição superior ao homem negro, pelo contrário (hooks, 1981, p. 34, 53). As mulheres negras estão em condições econômicas inferiores aos homens negros, bem como aos homens brancos e mulheres brancas.

A competição pelo trabalho frequentemente desfavoreceu as mulheres negras: os trabalhos considerados pesados e desqualificados para as mulheres brancas – e geralmente menos remunerados – foram ofertados para mulheres negras; e mesmo em cargos semelhantes, as trabalhadoras negras usualmente recebiam salários menores que os das mulheres brancas (hooks, 1981, p.97). hooks (1981, p.98) sintetiza: “Elas fizeram o trabalho mais desinteressante, o trabalho mais servil e de longe o trabalho mais mal pago”.

A necessidade da intersecção das lutas - raça, gênero e classe - também se faz necessário para que sejam rompidos os estereótipos que foram construídos e atribuídos às mulheres negras: sexualmente selvagens, podendo ser violadas como se fossem animais (hooks, 1981, p.36). Mulheres negras foram coagidas sexualmente por seus empregadores brancos: opressão sexista, racista e de classe. Por outro lado, a construção da imagem da "mama" - uma

imagem positiva da mulher negra está relacionada com a de uma figura maternal, sofredora, religiosa - que acaba sendo mais uma manobra para uma completa submissão à vontade dos brancos (hooks, 1981, p.49, 61). Esse falso poder que é atribuído às mulheres negras - a questão da figura matriarcal - é uma das formas rasteiras dos dominadores inibirem a organização da luta contra a opressão sexista-racista (hooks, 1981, p. 59). Ambas as imagens – “a mulher sensual selvagem” e a “mama” - serviram para construir a figura anti-mulher, a depreciação da mulher negra (hooks, 1981, p.62). Ao mesmo tempo, como nos é apontado em O Feminismo para todo mundo, o padrão estético que é valorizado é o da mulher branca e esbelta: “Em filmes, na televisão e em anúncios públicos, imagens de mulheres magrelas, de cabelos pintados de loiro e com aparência de quem mataria por uma bela refeição tornou-se a norma” (hooks, 2018, p. 48).

As mulheres negras, frente aos controles sociais, também passaram a aceitar o papel de subordinação aos homens negros (hooks, 1981, p.131). A dominação do opressor vem através da mídia de massa, que perpetua, através de suas constantes propagandas o ideal da figura feminina branca e a crença que o lugar da mulher é em casa (hooks, 1981, p.127, 131) Até recentemente, ainda que um casamento entre um homem negro com uma mulher branca fosse mais aceitável, havia um esforço para a restrição do casamento entre mulheres negras e os homens brancos, mantendo-se assim a norma patriarcal (hooks, 1981, p.51).

Nem mesmo o movimento feminista, cuja representação de fala nas mídias é a figura da mulher branca e economicamente privilegiada (hooks, 2017; 2018), se esforçou para romper esses estereótipos, mantendo as diferenças entre as mulheres brancas e negras. Nos EUA, após a escravidão, e com o progresso do povo negro, a miscigenação foi uma ameaça aos brancos, e foi estabelecido um "apartheid social", com uma série de leis e regras para manter a separação das raças (hooks, 1981, p.45).

O apartheid social, a existência de grupos como o Ku Klux Klan e os ataques ao povo negro, também contribuíram para que mulheres negras ativistas passassem a se focar mais na resistência ao racismo (hooks, 1981, p.124). Além do mais, a luta das feministas com foco no mercado de trabalho, afastou as mulheres da classe trabalhadora, como as mulheres negras, pois estas já sabiam que o salário recebido não iria libertá-las e também teriam enxergado o direito de ficar em casa como liberdade (hooks, 2018, p.52).

Não haverá uma luta conjunta contra o racismo enquanto homens negros e mulheres negras apresentarem tensões em suas relações, devido ao sexismo e opressão sexista: "Lutar contra a opressão sexista é importante para a libertação dos negros, porque se o sexismo divide as mulheres negras e os homens não podemos concentrarmos as nossas energias resistindo ao racismo" (hooks, 1981, p. 84)

A teoria do feminismo ensinado e debatido em sala de aula tem ligações com o cotidiano dos jovens, principalmente das jovens. A gravidez indesejada de muitas alunas, suas amigas ou parentes; a falta de informação sobre os métodos contraceptivos; a cultura do estupro - o sexo não consentido presente em festas; a constante ameaça de abusos sexuais; além da submissão e preconceitos que essas meninas sofrem por seus colegas, são temas que devem ser abordados na escola, de forma transdisciplinar. O histórico da escravidão e suas consequências, a geografia do tráfico de mulheres, a territorialidade, os efeitos dos abortos e do uso constante das pílulas anticoncepcionais nos corpos das mulheres podem ser temas das disciplinas de História, Geografia, Biologia, Literatura/Língua Portuguesa, Artes, etc.

A questão de classe mais uma vez se intersecciona com a questão sexista e racista. Temas como o biopoder (controle do Estado, ou ausência, sobre os corpos) e de classe relacionadas à temática do aborto podem ser discutidos nas disciplinas de Sociologia e

Filosofia nas escolas públicas:

Mas há uma multidão de mulheres que não tem poder de classe. Mais mulheres do que nunca estão entrando para as estatísticas de pessoas pobres e indigentes. Sem direito a abortos seguros, baratos ou gratuitos, elas perdem todo o controle sobre o corpo. (hooks, 2018, p.43)

A educação libertadora e engajada precisa lutar contra a falta de informação e ausência (intencional) do Estado. Temos um "sistema médico patriarcal capitalista dominado por homens, que controlava o corpo das mulheres e fazia com elas qualquer coisa que quisesse fazer" (hooks, 2018, p. 42). É preciso esclarecer para todos – começando nas escolas – sobre as informações vitais para a saúde da população, como aquelas relacionadas com essa discussão:

Enquanto a questão do aborto foi e permanece relevante para todas as mulheres, houve outras questões reprodutivas que eram tão vitais quanto, que precisavam de atenção e poderiam ter servido para incentivar multidões. Essas questões iam desde educação sexual básica, controle pré-natal, medicina preventiva – que ajudassem mulheres a compreender como o corpo funciona – à esterilização forçada, cesarianas desnecessárias e/ou histerectomias e as complicações médicas que esses procedimentos causavam. (hooks, 2018, p. 41)

E educação libertadora promove debates para o conhecimento e o engajamento dos estudantes nas lutas. Em contrapartida, o aumento do fundamentalismo religioso reforça os ataques às muitas pautas feministas, como os direitos reprodutivos, por entender que a iniquidade entre homens e mulheres é "natural" e que o controle do corpo feminino é necessário (hooks, 2018, p. 115).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo das três obras analisadas aqui, hooks ressalta a importância da intersecção das lutas e dos movimentos feministas, antirracistas e anticlassistas. A obra *Eu não sou uma mulher negra?*, nos traz aportes teóricos e históricos para compreendermos a história do feminismo negro (norte-americano) e podermos realizar os

debates com os alunos de nossas escolas públicas. Em *O feminismo é para todo mundo*, hooks aponta que o feminismo precisa ser global, só assim podemos acabar com o sistema patriarcal capitalista e com todas as suas opressões. Por fim, em *Ensinando a transgredir*, hooks nos toca com seus relatos e experiências pessoais, nos incentivando a levar uma educação libertadora para as salas de aula, e também a sermos professores que não tenhamos medo de nos expor como indivíduos antes de mais nada; pois não existe posicionamentos neutros. A forma como ela escreve, é a forma como devemos levar os debates para a sala de aula: que a transmissão da teoria seja acessível para todos e que possamos acolher todas as experiências dos alunos, a dos oprimidos e a dos opressores que queiram se desconstruir como tais. Esperamos, tendo como ponto de partida as obras de hooks, que os professores também possam se debruçar sobre outras pensadoras feministas, em especial as pensadoras negras brasileiras. A teoria é muito importante para a nossa libertação, e hooks tem um pensamento muito alinhado com o Paulo Freire: devemos sempre refletir para agir, e ao agir, devemos refletir sobre o nosso agir, para mudar as nossas ações.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAIROS, Luíza. Novos Feminismos Revisitados. *Revista de Estudos Feministas*, (UFSC. Impresso), Florianópolis, vol. 3, nº2, 1995. p.458-463
- GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afrolatinoamericano. *Cadernos de Formação do Círculo Palmarino*, n. 1. 2011. p.12-20
- HOOKS, Bell. Não sou eu uma mulher? Mulheres negras e feminismo. 1 ed. 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. 2014. Livro acessado em: [https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher\\_traduzido.pdf](https://plataformagueto.files.wordpress.com/2014/12/nc3a3o-sou-eu-uma-mulher_traduzido.pdf)
- HOOKS, Bell. Mulheres Negras: moldando a teoria feminista. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº16. Brasília. 2015. p.193-210
- HOOKS, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. 2 ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. 2017.
- HOOKS, bell, *O feminismo é para todo mundo* [recurso eletrônico]: políticas arrebatadoras. Tradução Ana Luíza Libânio. 1. ed. - Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- Freire, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo, Paz e Terra. 2011



**ORGANIZAÇÃO:**  
 Manuel Francisco Neto  
 Vilma Maria da Silva

**AUTORES(AS):**  
 Damares Floriano Nunes Gonçalves  
 Edneia Machado de Alcântara  
 Fabiana Maria Alves Solla Di Lessolo  
 Mariana Moi Bonfim Jongbloets  
 Marilena Wackler  
 Vanderson Cristiano de Sousa  
 Wivian Linares de Souza

**doi** <https://doi.org/10.52078/issn2675-2573.rpe.56>



Produzida exclusivamente com utilização de softwares livres



Platform & workflow by OJS / PKP

[www.primeiraevolucao.com.br](http://www.primeiraevolucao.com.br)

